

HORÁRIO DE TRABALHO PEDAGÓGICO COLETIVO: UM ESPAÇO DE PESQUISA E INTERVENÇÃO

Autores

Vitor Garcia Benossi

Orientador

Nilce Maria Altenfelder de Arruda Campos Luiz Antonio Calmon Nabuco Lastoria

1. Introdução

A crise na educação não é uma novidade encontrada na EMEF onde esta pesquisa se efetivou. Com efeito, Arendt (1972) já afirmava que a crise na educação é um problema do mundo moderno que, deixando de se pautar na tradição, ou seja, na experiência, passa a orientar-se pela moda, pelo novo, voltando-se para o futuro em detrimento da experiência. As tecnologias educacionais modernas, adotadas primeiramente nos EUA e em seguida por outros países, dentre eles o Brasil, prezaram o ato de conhecer pelo aluno em detrimento de uma apropriação do patrimônio cultural que lhe garantiria uma possibilidade de formação crítica.

Neste sentido, a escola é aqui compreendida como uma instituição da indústria cultural, como afirmam Lastória e Campos (2002), ou seja, como uma instituição que acaba sendo instrumento para uma formação cultural pelo avesso, ou dito de uma outra maneira, para uma formação em função das necessidades do capital e não necessariamente ad dignidade humana. Isso porque no atual momento do modo de produção capitalista, o desenvolvimento da tecnologia passou a ter fim em si mesmo, que por sua vez é o sentido oposto do desenvolvimento humano.

Sendo assim, o trabalho da psicologia só pode ter um sentido e este vai de encontro com este movimento de negação do homem. Esta pesquisa-ação procura materializar a resistência ao processo de massificação que se manifesta sob a faceta do fracasso escolar, que pode ser encarado como fracasso da criança, ou do professor, ou da família que não soube educar... mas que pode também ser visto como sucesso, como vitória de um processo mais amplo, o da desumanização.

Esta pesquisa é um desdobramento do trabalho desenvolvido no programa de estágio: "Projeto Ação Psicológica na Comunidade: A Questão do Fracasso Escolar", que integra dois tipos de produção em psicologia: a psicologia educacional e a psicologia social. Em tal programa, uma EMEF do interior do estado de São Paulo, constitui o campo de investigação/intervenção para os alunos que se dividiam no trabalho junto a diferentes grupos do staff institucional. Neste caso, especificamente, trata-se da pesquisa realizada junto ao grupo de professores e equipe dirigente (Diretora e Coordenadora Pedagógica) que se reuniam com frequência semanal para o HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo) a fim de organizar o trabalho na escola.

2. Objetivos

A investigação e intervenção efetuadas junto ao grupo de professores tiveram por objetivo possibilitar a compreensão sobre o quanto a organização desses profissionais -- enquanto grupo de

trabalho voltado para um mesmo objetivo, o de propiciar sólida formação educacional às crianças -- possibilita a superação do alto índice de analfabetismo verificado no interior da instituição escolar. Desse modo buscou-se promover no grupo um processo de auto-gestão e autocrítica, garantindo autonomia para cumprir sua tarefa pedagógica.

3. Desenvolvimento

Quanto à metodologia para o desenvolvimento deste trabalho científico, não se faz presente nenhuma pretensão à neutralidade que caracteriza a distância previamente calculada entre sujeito e objeto. Pelo contrário, o que aqui se compreende enquanto método, mais que uma explicação da realidade, é a utilização do conhecimento para sua transformação (cf. REBOREDO, 1983, p. 26). Assim, o pesquisador se compromete com a realidade na qual se insere, tornando-se, de fato, uma parte dela. Trata-se então, ao mesmo tempo de um estudo da realidade e de uma prática que promova sua transformação, orientada por uma compreensão dialética dos fenômenos que se produzem nas relações sociais. Deste modo, a prática psicológica volta-se para a vida cotidiana, pois é justamente aí que se “concretiza a relação dialética entre indivíduo e sociedade” (REBOREDO, 1983, p. 2) e é, portanto, uma possibilidade de transformação social que passa por estes dois pólos.

A pesquisa se constituiu em dois momentos distintos, sendo que o primeiro se caracterizou principalmente pela coleta de dados para a produção de um diagnóstico que apontaria as formas de intervenção mais indicadas. Para tanto, o pesquisador esteve em campo semanalmente participando da reunião de HTPC além de caminhar pelo bairro com a finalidade de conhecê-lo. Um diário de campo foi utilizado para o registro dos dados. Além disso, foi realizada análise documental de materiais como projeto pedagógico, planos de ensino, planos de aula, regimentos e parâmetros curriculares. Entretanto, durante este primeiro momento que durou o primeiro semestre da pesquisa, algumas intervenções já foram realizadas, ainda que de forma desestruturada, para sanar problemas de fundamental importância para o andamento do trabalho da escola.

A partir da análise diagnóstica realizada com base nos dados coletados, foi desenhado um plano de intervenção que, no entanto, acabou não se efetivando como previsto. Na verdade, ele acabou perdendo seu sentido em virtude das inúmeras mudanças ocorridas no quadro de funcionários da escola no início do ano de 2006. Sendo assim, se fez necessário então um período não de inserção, mas de integração, onde o trabalho que vinha sendo desenvolvido se fez conhecer e o pesquisador pode estabelecer um vínculo com os participantes do HTPC. Diante de mudança tão drástica, uma nova coleta de dados que reorientassem o diagnóstico e conseqüente intervenção foi necessária, contudo, o diagnóstico realizado anteriormente serviu de referência para uma linha de intervenção, qual seja, a atuação junto a equipe dirigente com a finalidade de garantir que a ação desta se expressasse como uma manifestação do projeto pedagógico e não como uma reação às exigências feitas pela Secretaria de Educação como vinha acontecendo.

Dentro dos HTPC's, as intervenções realizadas podem ser classificadas em três categorias diferentes: primeiramente, no oferecimento de um suporte às ações organizativas da equipe dirigente; em segundo lugar, desde o início do ano letivo, durante as reuniões de HTPC as intervenções realizadas junto ao grupo de professoras tinha por objetivo levá-las a orientar suas ações a partir de uma referência mais ampla, a enxergar como sua ação ganha sentido dentro do projeto educacional da escola; uma terceira forma de ação foi a de propor auxílio aos professores para a construção coletiva de metodologias para a organização do trabalho pedagógico.

4. Resultados

Pensar nesta reunião de professores como um agrupamento destes não implica em se pensar num grupo. Acompanhando as reuniões de HTPC no primeiro semestre da pesquisa, o que observou foi um movimento que vai de uma atividade elucidada pela clareza dos objetivos pelos quais ela é desenvolvida, para momentos em que não havia reflexão alguma sobre as atividades desenvolvidas na reunião. Tal falta de crítica afetava até mesmo os pesquisadores, que, naquela atividade cotidiana, perdiam a dimensão do que representam as atitudes ali tomadas e o que as orienta. Como afirma Agnes Heller (1970), a vida cotidiana é a esfera da estrutura social que mais se presta à alienação. Desta perspectiva, o risco era tomar esta reunião como um simples cumprimento de papéis, caracterizando um conformismo que serve à manutenção do *status quo*, na medida em que acomodação proporcionada pelo menor esforço que satisfaz ao particularismo dos indivíduos.

De fato, neste momento, o grupo se apresentava de modo geral como uma instituição, que segundo Lapassade apud Sartre (1989), caracteriza-se por uma configuração hierárquica, onde cada indivíduo torna-se uma ferramenta do próprio grupo e relaciona-se com os outros segundo obrigações e normas rígidas. Isto era perceptível na maneira como a equipe dirigente exercia seu papel, sempre apoiada nas decisões da Secretaria de Educação, sem a menor autonomia, ou dito de outra maneira, o grupo era governado por um agente externo. De fato, existia aí uma questão política municipal envolvida, e com a submissão da diretora e da coordenadora pedagógica a tudo aquilo que a secretaria exigia fazia com que a escola perdesse as referências próprias, o que afetava diretamente o grupo de professores ali acompanhado.

No segundo momento da pesquisa, primeiro semestre de 2006, o grupo se reconstituiu de modo que, só permanecem nele 4 professores dos que estavam presentes em 2005 e a proposta de trabalho da nova diretora da escola logo no início do ano já não se assemelhava àquilo que era desenvolvido em 2005. Apesar da presença da mesma Coordenadora Pedagógica, as diretrizes para o desenvolvimento dos trabalhos pedagógicos foram estabelecidas pela Diretora.

Assim, no início do semestre, os professores antigos se depararam com exigências novas para o desenvolvimento de seus trabalhos e os professores recém-chegados, ainda substitutos em sua maioria, encontraram uma escola que pretendia definir com clareza as responsabilidades que o professor deveria assumir, bem como os procedimentos que estes deveriam seguir para atingir o objetivo de alfabetizar as crianças. Para uns e para outros, a série de exigências feitas pela diretora, que os obrigava se utilizarem de algumas ferramentas, como o semanário e o plano de ensino para desenvolverem suas atividades que deveriam estar atreladas ao cumprimento da grade curricular foram consideradas excessivas e, portanto, desnecessárias. Assim, aquele agrupamento de professores se constituía novamente como um grupo institucionalizado sob a regência do terror, ou seja, relacionando-se entre si e com o próprio trabalho segundo determinações provenientes de estratos hierárquicos superiores, com uma tendência à burocratização, ou seja, a desenvolver suas atividades somente com a finalidade de cumprir uma tarefa, sem que houvesse nenhum comprometimento com o resultado alcançado.

Entretanto, diferentemente da institucionalização que se produzia no grupo em 2005, onde a equipe dirigente tomava como pessoais as críticas das professoras e então reagiam de modo defensivo, utilizando-se do poder que tinham para submeter estas às suas condições de trabalho, a nova Diretora utilizou de sua autoridade como um meio de garantir que o objetivo de garantir a educação das crianças se efetivasse. Desta maneira, enquanto a ação das primeiras acaba promovendo a inércia no movimento no grupo, que perde o sentido para uma prática coletiva, tornando-se meramente burocratizado, a ação da nova Diretora, apesar de ter ao seu lado a mesma Coordenadora que assistia sua atuação e a acompanhava, orientava-se para o desenvolvimento de uma maior organização no grupo.

Isso se manifestou no decorrer do semestre, na maneira como as professoras passam a se

relacionar com as tarefas “impostas” nos primeiros dias de aula. Pode-se perceber então que no desenvolvimento do semestre, o grupo das professoras que participavam do HTPC passaram a se comportar como se aquilo que a Diretora propunha fizesse sentido e devia ser trabalhado com a finalidade de permiti-las uma melhor organização da própria maneira de trabalhar. Os professores se apropriaram de uma metodologia de trabalho que passou a fazer sentido dentro da Proposta Educacional da Escola.

Se por um lado, dentro do contexto político da administração municipal da educação a primeira diretora acabava justificando suas ações como conseqüências das exigências das Supervisoras de Ensino, a nova Diretora se colocava diante das demandas da Secretaria como representante de uma instituição que goza de autonomia para fazer cumprir sua função pedagógica, o que em última instância está prescrito no Projeto Político Pedagógico da escola. Ao que tudo indica, as novas Supervisoras têm respeitado o trabalho que vem sendo desenvolvido pela escola, se comprometendo a oferecer o apoio que for necessário, além de uma maior proximidade.

5. Considerações Finais

Os resultados apontam a necessidade de a psicologia trabalhar no sentido de promover mudanças junto a escolas para que estas passem a condição de grupo, no qual cada integrante mantenha a uma relação consciente com aquilo que orienta sua prática nesta instituição. Tal atitude, num contexto em que as condições econômico-sociais a favorecem, consiste num desafio à desumanização (cf. HELLER, 1970, p. 41), que procura transformar a ordenação da cotidianidade numa ação totalmente descompromissada com a formação cultural da criança.

Para além disso, pensando nos professores como responsáveis pela alfabetização das crianças há que se considerar que ainda que estes se organizem enquanto grupo melhorando constantemente a maneira de preparar o trabalho a ser efetivado em sala de aula, isso não exclui as possíveis deficiências na formação destes para o desempenho de suas tarefas. Com isso, o que se pretende dizer é que para o equacionamento da questão do fracasso escolar, não é suficiente uma ação no sentido de propiciar o desenvolvimento do grupo de professores enquanto grupo organizado, ou da escola como um todo neste mesmo sentido, talvez se faça necessária uma ação que venha de encontro às necessidades formativas dos professores.

Referências Bibliográficas

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CAMPOS, Nilce A. de A. C.; LASTORIA, Luís A. C. N. A escola como instituição da indústria cultural. In: _____. **Projeto – O processo de (de)formação cultural**. Piracicaba, 2001.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1970.

LAPASSADE, Georges. Dialética dos grupos, das organizações e das instituições. In: _____. **Grupos, organizações e instituições**. Trad. Henrique Augusto de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989. p. 225-263.

REBOREDO, Lucília A. **A transformação de um Bairro em uma Comunidade: Um estudo de psicologia social do cotidiano**. Tese de Mestrado, PUC-SP, 1983. p. 2-26.